

Lucas Israel
lucas.israel@diariodaregiao.com.br

De cada dez eleitores rio-pretenses, três não foram às urnas no último domingo, 6 de outubro, para escolher seus representantes na Prefeitura e na Câmara de Rio Preto.

Isso significa que a abstenção, pela primeira vez, teve mais votos que o candidato a chefe do Executivo municipal mais votado no primeiro turno. Além disso, a proporção de não-votantes na eleição dobrou e relação a 2004.

Segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), 30,59% dos eleitores (106,4 mil) quiseram distância das urnas. Apesar de, proporcionalmente, a abstenção ter caído levemente entre 2020 e 2024 (de 31,33% para 30,59%), houve aumento no número absoluto de eleitores distantes das seções eleitorais: em 2020 foram 104.172, enquanto neste ano foram 106.426, 2.290 a mais.

O número é maior que as médias do Estado de São Paulo e do Brasil. Ainda conforme o mesmo TSE, a abstenção em todo o Estado foi de 25,3% (8,7 milhões de eleitores) e 21,7% (33,8 milhões) em todo o Brasil.

Coronel Fábio (PL) e Itamar Borges (MDB) entram no segundo turno buscando o voto dos ausentes e também daqueles que não escolheram nenhum dos dois no primeiro turno.

No entanto, nenhum outro prefeito vencedor no primeiro turno enfrentou cenário parecido. Em 2020, Edinho Araújo (MDB), fez 111.525 votos, sendo eleito em 1º turno, assim como em 2016, mas com 113.377. Valdomiro Lopes (PSB) elegeu-se em primeiro turno em 2012 com 133.024 votos.

Em 2008, último ano em que houve reeleição, Valdomiro foi o candidato mais votado, com 85.752 registros. Por fim, em 2004, Manoel Antunes (PFL) foi o candidato mais votado no primeiro turno, com 62.327 votos. Em 2º turno, porém, Edinho Araújo, então no PPS, garantiu a reeleição.

A eleição com a menor abstenção na história de Rio Preto foi a de 1988, a primeira após o fim da ditadura militar. Apenas 6,3% dos eleitores não foram às urnas.

DESILUSÃO

O resultado mostra um misto e desilusão com os candidatos e também com o sistema político por parte do eleitorado, segundo o sociólogo André Mattos. Para ele, a desmobilização política, a fal-

Abstenção dobra em 20 anos e ‘vence’ o primeiro turno

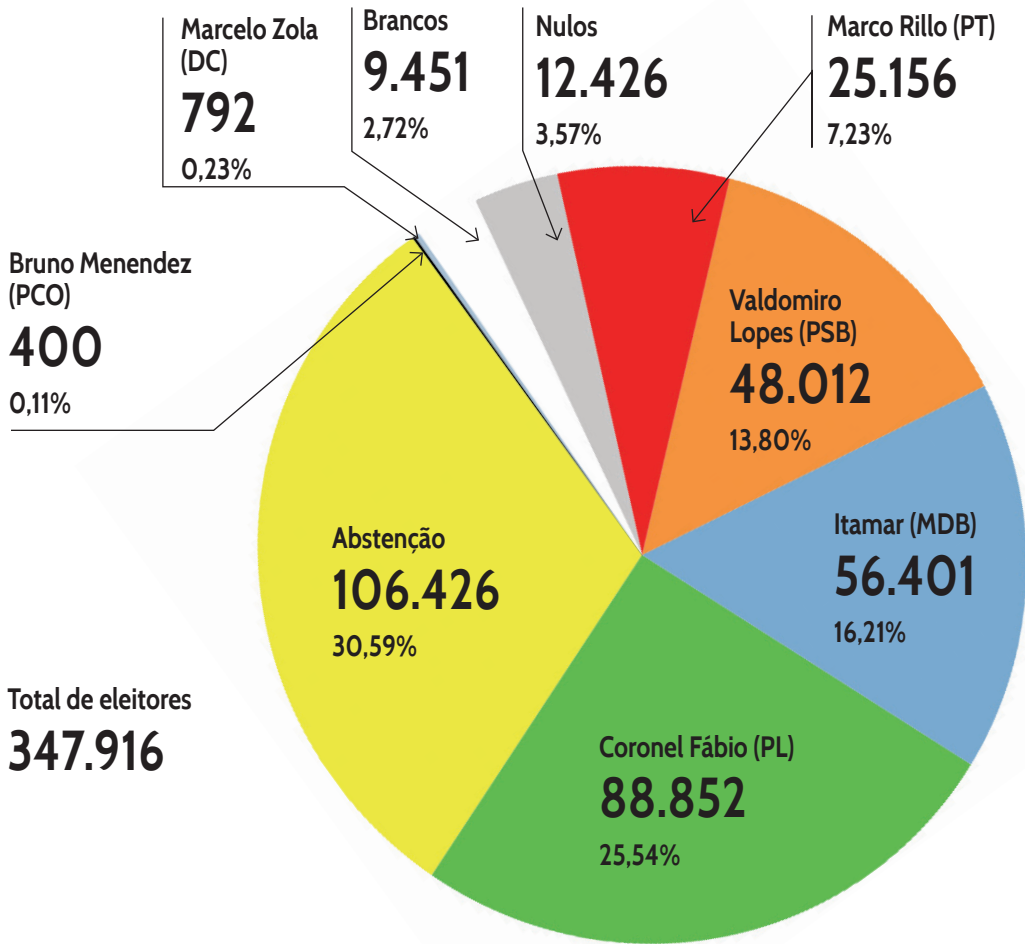
Segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), a abstenção nas eleições municipais de Rio Preto em 2004 foi de 14,93%. Em 2024, a ausência do eleitor nas urnas disparou para 30,59%

DADOS

Ano	Abstenção	Percentual	Vencedor 1º turno	Votação
2004*	38.110	14,93%	Manoel Antunes (PFL)	62.327
2008*	43.835	15,83%	Valdomiro Lopes (PSB)	85.752
2012	54.488	18,04%	Valdomiro Lopes (PSB)	133.024
2016	70.127	22,02%	Edinho Araújo (MDB)	113.377
2020	104.172	31,33%	Edinho Araújo (MDB)	111.525
2024	106.426	30,59%	Coronel Fábio (PL)	88.825

Fonte: TSE * Eleição com segundo turno

VOTAÇÃO



6,3%

Foi a menor abstenção registrada em Rio Preto desde a redemocratização, em 1988

parecido entre os candidatos, “para agradar todo mundo”, leva à ideia de que todos os candidatos são iguais.

“Ninguém defende bandeiras muito pontuais. Há um medo de entrar no confronto das ideias, então se constroem propostas muito generalistas para agradar a gregos e troianos. E isso é perceptível para as pessoas”, afirma.

VOTO IDEOLÓGICO

Por outro lado, existe a relevância do voto ideológico no meio da abstenção. Para o mestre em ciência política pela Unesp, Arará Carvalho, estes candidatos têm maior capacidade de mobilização.

“Num cenário no qual menos pessoas vão votar, aqueles candidatos que têm o voto ideológico, em quem as pessoas votam muito por conta de vinculação ideológica, tendem a ter vantagem. As pessoas que votam ideologicamente estão mais dispostas a saírem de casa para votar em nome daquela ideologia”, diz.

“Para combater essa quantidade de pessoas que não vão votar, cabe aos partidos conseguir mobilizar o eleitor. E pode ser que mais gente vá votar, não porque quer que seu candidato ganhe, mas para evitar que um candidato que ele não goste assuma o poder”, finaliza.

ta de sentido que muita gente atribui ao processo eleitoral e aos problemas socioeconômicos, mais os deslocamentos, compõem uma trinca que resultou na alta abstenção.

“Se construiu uma visão no Brasil de que o modelo democrático se baseia numa ideia de ‘eu voto, o outro co-

meça a me representar’. Essa ideia desmobiliza o eleitorado, desmobiliza grupos que vão perdendo o seu papel”, afirma. “São associações de bairro, grupos estudantis, sindicatos, até alguns modelos de associações esportivas. Ao passo que esses grupos se desmobilizam, eles vão deixando

no seu rastro essa desmobilização daquilo que estava em torno deles”, exemplifica.

Ainda de acordo com Mattos, há uma parcela de culpa por parte dos candidatos, que leva à descrença, por parte dos eleitores, de uma mudança no cenário eleitoral. Segundo o especialista, o discurso